





# ·C·O·N·T·A·S·

paola zordan

ORG





\*

© Dos Autores - 2024

Projeto gráfico, diagramação e layout de capa: FABIANO NEU

Todas as fotografias sem referência são da autoria de PAOLA ZORDAN

\*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C759 Contas / Paola Zordan, organização; Fabiano Neu, projeto gráfico, diagramação, layout de capa. Dados eletrônicos (1 arquivo). – Porto Alegre: UFRGS/IA, 2024.  
131 f. : il., color.

Formato: pdf  
Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN 9786559733514 (on-line)

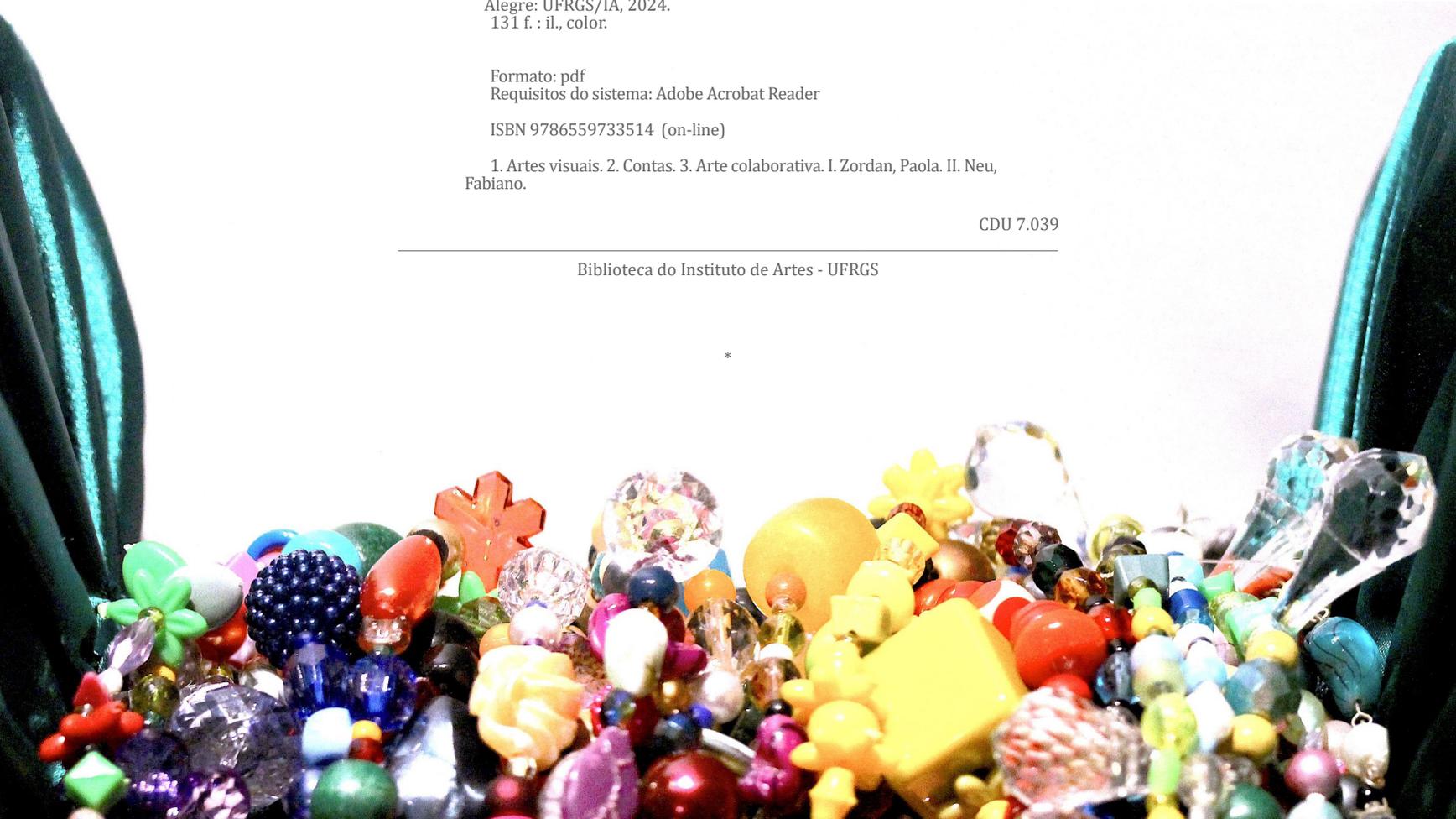
1. Artes visuais. 2. Contas. 3. Arte colaborativa. I. Zordan, Paola. II. Neu, Fabiano.

CDU 7.039

---

Biblioteca do Instituto de Artes - UFRGS

\*





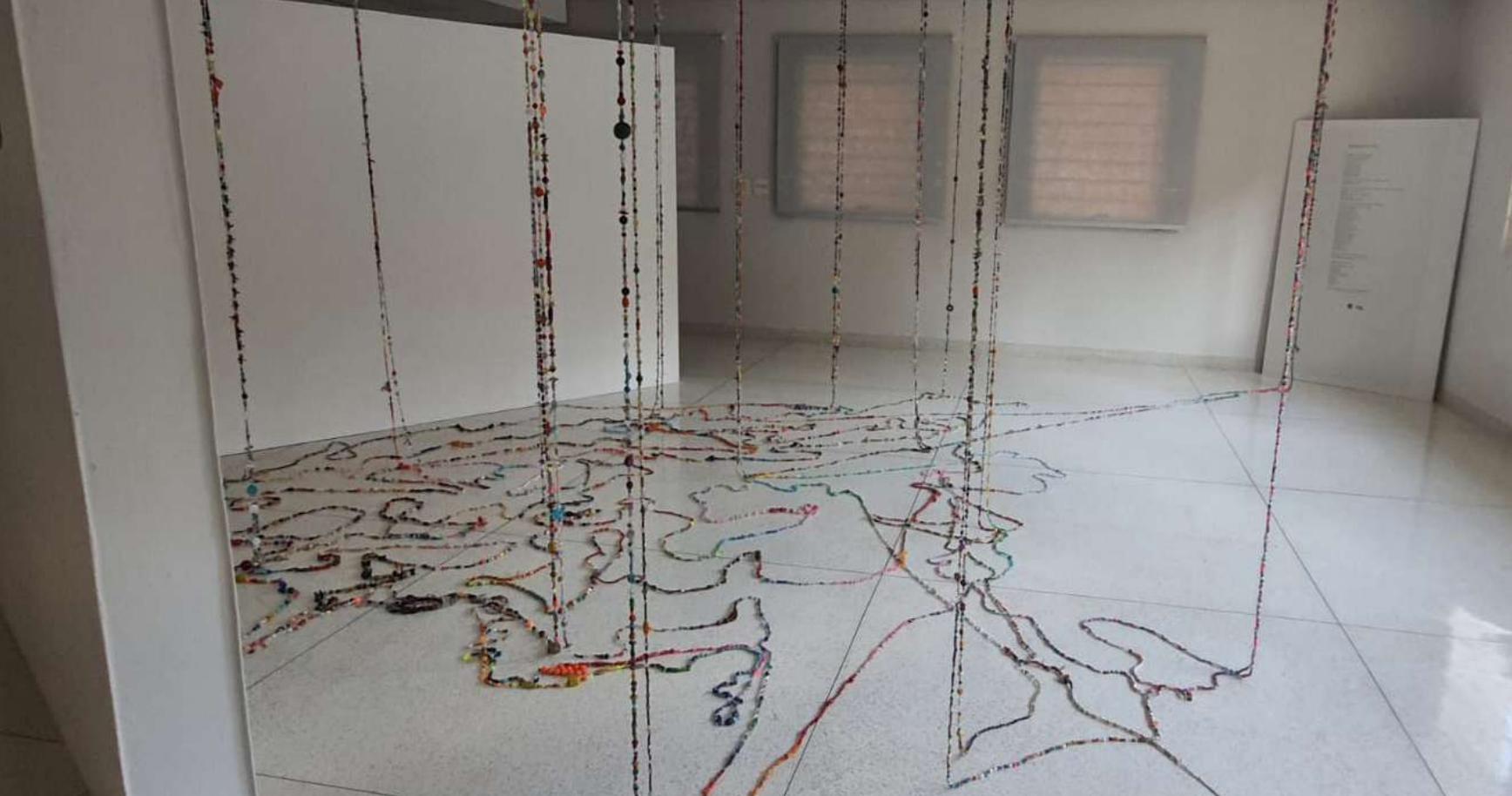
O fio que Paola Zordan nos oferece, com suas milhares de contas de vidro, cerâmica, plástico, metal, ferro e madeira, é um convite ao transe. O vídeo<sup>2</sup> reforça isso, registrando a sequência e a passagem, pelas mãos da artista, dos cerca de 300 metros de avelórios coloridos ao longo de aproximadamente uma hora; hipnótico, ele parece conduzir o espectador para “dentro das contas”, para dentro daqueles artefatos desprezíveis que fazem a festa das bijuterias baratas. Enleados pelos brilhos e pelos aspectos translúcidos das peças, assim como pelas superfícies polifacetadas de vidrilhos, miçangas e penduricalhos, os olhos imergem nas formas.

Não subestimemos a força de ativação da matéria: é por meio dela, das contas e suas concretudes, que a proponente aciona um dispositivo de sensações, associações e memórias. Como não imaginar um cenário lúdico e mágico, talvez infantil ou até mesmo lisérgico, habitado por cores e doces, confetes e jujubas? Como não lembrar, a partir de determinados berloques, de colares usados por uma avó, pela mãe ou por nós mesmos, em outros tempos?

Não subestimemos, ainda, a simplicidade do objeto em si: contas unidas por um fio de nylon, constituindo um fio de contas. Nele residem evocações religiosas, identitárias, meditativas, matemáticas, protetórias. Cordão com condão. Perfilam-se o japamala hindu, o misbaha islâmico, o rosário cristão, as guias usadas pelos filhos de fé nas religiões de matriz africana.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://youtu.be/PQZ1ezwcaM0>





*Pari passu*, o ábaco mesopotâmico ou o soroban japonês, confeccionados a partir da articulação de hastes lineares e de fichas ou esferas deslizantes: instrumentos para calcular, para contar:

Não subestimemos, por fim, o substantivo que intitula a exposição, cuja polissemia dispara sentidos, metáforas e expressões idiomáticas que conectam um admirável rol de sincronicidades e desvarios. Das contas bancárias ou a pagar, passando pelas operações aritméticas, bem como pelos dados presentes em um computador ou em um aplicativo, atrelados a determinado usuário. Das práticas de contar números, histórias, causos, ao dar-se

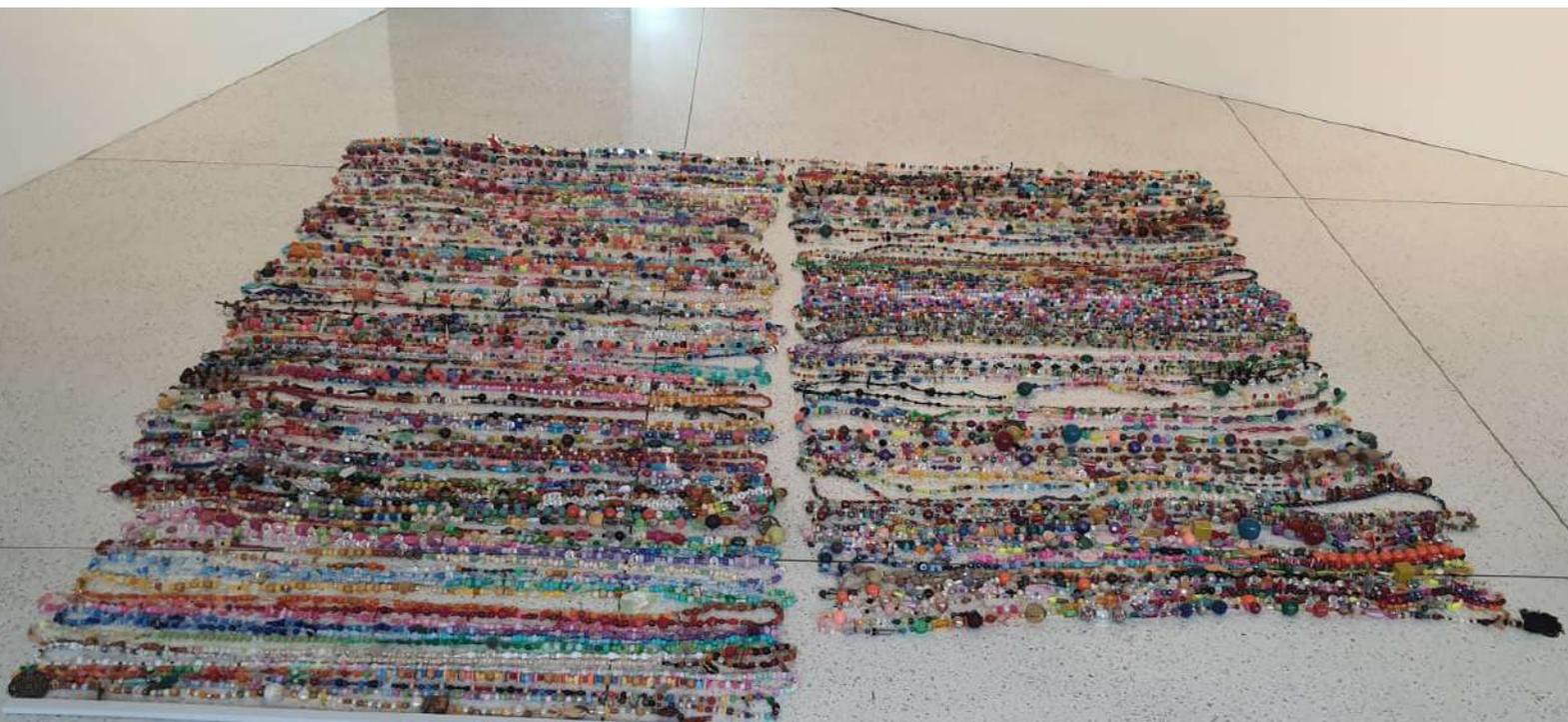
conta e ter alguém em conta. Uma miríade de significados muito além da conta.

Dos inventários de coincidências que Paola Zordan frequentemente elabora, o linguístico, neste caso, talvez seja o mais disparatado, mas nem por isso menos interessante. Há, nele, uma certa junção disjuntiva, algo desde sempre caro à artista, educadora e pesquisadora, incansável em sua costura de vivências pedagógicas, proposições artísticas e conceitos filosóficos. Conexão é uma de suas palavras-chave, mas com tensionamento de ideias e abertura ao inusitado, estímulo à criação. Para ela, evocando Deleuze e Guattari e os saberes da esquizoanálise, a criação é um

lance de dados que não respeita as balizas, muito menos se preocupa em exhibir acertos ou escancarar enganos. “Linha errante do pensamento”, na expressão da própria Paola, a criação arrasta o raciocínio para zonas indeterminadas que se movem e se abrem, explodindo em todas as direções, questionando pretensas certezas, descen- trando e transformando o modo de pensar – pensamento constelando no “caosmos”.

É a esse exercício contínuo que a artista tem se dedicado, partilhando com estudantes e orientandos de graduação e pós-graduação, bem como com colegas e parceiros de estudo, uma pluralidade de atividades, diversas das quais gestadas no “eXquiZ”, antigamente ateliê físico – o “can- to eXquiZ” –, agora um conceito cambiável

para heterotopias que designam seus es- paços de criação. Movida por questiona- mentos foucaultianos, ela concebeu o pro- jeto *Aparelhos Disciplinares* (2013–2018) e o conceito de “ortopedoxia” (do grego *orto*: correto; *paidós*: criança; *doxa*: crença tomada como inquestionável), pensando nas amarras subjetivas por trás do pro- dutivismo acadêmico, bem como no cor- po institucionalizado do professor, preso a uma sala de aula, às regras e aos moldes das instituições. Na esteira, vieram os ma- nifestos políticos e performáticos *A’CORDA* (2014–2019) e a série de esculturas e per- formances *Amarras* (2015–2017), projetos que se corporificavam a partir de distintos usos de uma corda de sisal – em atual re- ciclagem nos telhados verdes regados por Paola e voltando, portanto, à natureza.



Vieram, ainda, os estudos sobre arte e sexo, as aproximações warburguianas em torno das imagens da Virgem Maria e de vulvas femininas e, mais recentemente, as investigações calcadas no Tarot, suas iconografias e usos, inclusive pedagógicos.

Dos encontros heterogêneos e disruptivos vivenciados no “eXquiZ”, brotaram pensamentos, textos, obras, mostras, pesquisas. Dezenas de metros do fio também nasceram ali, de forma coletiva, desde 2017, envolvendo doadores de contas e de tempos, de falas, memórias e histórias: na passagem de contas, passavam vidas.

Há uma forte partida subjetiva e intuitiva no trabalho. Todavia, Paola sendo Paola, essa partida é igualmente intelectual. “O projeto começou muito diferente de qualquer outro trabalho meu”, comenta. “Eu tenho um altar ao lado da minha cama e, certo dia, enquanto rezava, comecei a olhar fixamente para um fio de contas que trazia, ao final, uma imagem de Buda. De repente, percebi que estava em uma espécie de transe e passei a divagar sobre as contas”. Rapidamente se estabeleceram diversos vínculos: alguns, afetivos, relacionados aos rosários da avó Iza; outros, artísticos, associados à performance–instalação *Desenhando com terços* (2000–2003), da artista Márcia X (1959–2005); outros, ainda, mentais, atravessados pelas leituras de Nietzsche em torno do Mistério de Ariadne. “Ariadne fornece o fio para que Teseu saia do labirinto. Apaixonada, ela é depois abandonada na Ilha de Naxos, mas ali mesmo encontra Dioniso, que a desposa. E Dioniso é o deus do transe... E isso abre muitas questões.





Fotografia de Andrei Moura.

Então, pensei: vou fazer uma recitação da obra da Márcia X, um labirinto de contas, um rosário de Ariadne.”

Na multiplicidade se fazendo processo, Paola Zordan alinhavou tudo e recuperou o exercício libertário do desenho. Lembrou-se das aulas de Carlos Pasquetti e, em especial, das provocações de Teresa Poester na Escolinha de Artes da UFRGS, quando ela incitava os alunos a desenhar com barbantes, usando mesas de fórmica como suporte. Lembrou-se, igualmente, das conversas e mediações de pensamentos com a amiga e mestra Sandra Corazza, autora do conceito de “artista-gem”, uma prática regida pelo não-sabido, não-dito, não-pensado. Lembrou-se do ato singelo, intuitivo e disparador: a contemplação de um fio de contas em meio a uma reza e a sensação de viver um transe. Sua instalação no Centro Histórico Cultural Santa Casa condensa tudo isso.



Paola Zordan, exposição C.O.N.T.A.S, 2023.  
Curadoria Andrei Moura.  
Texto Crítico de Paula Ramos.  
Centro Histórico Cultural Santa Casa.



Instalação da exposição C.O.N.T.A.S, 2023.  
Projeto luminotécnico e fotografia  
de Gabriel Menna Barreto.  
Centro Histórico Cultural Santa Casa.



Paola Zordan, Intervenção do fio de  
contas em escadaria, 2019.  
Evento *Arredores da Imagem*,  
organização Cristiano Bedin da Costa.  
Museu de Artes do Rio Grande do Sul.

